Como a Humanidade é uma
A doutrina Católica "Humani generis unitas" para o terceiro Milênio

"Nós distinguimos entre raças e nações:
mas para Deus o mundo inteiro é a casa de todos."
Minucius Felix, no início do terceiro Milênio

A sociedade mundial precisa para uma nova e necessária orientação da civilização uma imagem central e forte que encoraja: "One human family". A seguinte contribuição transmite a idéia central de um trabalho amplo de grupo, que primeiro foi publicado em Setembro de 2015 numa obra da seção alemã do Movimento internacional católico de Paz Pax Christi.[1]

1. Na sua Carta encíclica *"Laudato si"* (LS), Francisco, Bispo de Roma dirige-se "a cada ser humano, que habita este planeta." A unidade do gênero humano nesta encíclica não é matéria de doutrina dogmática e sim questão de urgência para toda a nossa terra habitada: É necessário a "*unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral".* (LS 13). *É preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também não há espaço para a globalização da indiferença.* (LS 52). O modelo civilizatório agressivo "Aumento do dinheiro – Poder – guerra" impede o futuro das próximas gerações. Espalha tristeza e fatalismo. A contracorrente visa o caminho de uma colaboração igual de todos os continentes, regiões, culturas, cosmo visões e religiões. Ela precisa de um símbolo forte que libera energias positivas. Aí entra a tradição doutrinal católica "Humani generis unitas" (A unidade do Gênero humano).

2. Como aqui não se trata de uma doutrina católico-romana particular, assim é possível uma ampla aceitação no diálogo inter-religioso e secular. *No "Manifesto para uma nova arte de convivência* (*„Manifest für eine neue Kunst des Zusammenlebens"* -Manifeste Convivialiste[2]) publicado no ano 2014, homens de forma diferentes de pensar, desafiados pelas questões urgentes do futuro e da sobrevivência, entraram num consenso básico: "A única e legítima política é aquela que tem como base o princípio de uma humanidade comum, uma socialidade comum, a individuação e o controle de conflito. [....] Independente das diferenças de cor, nacionalidade, língua, cultura, religião ou riqueza, sexo ou orientação sexual, somente existe uma só humanidade, que tem que ser respeitada na pessoa de todos os seus membros."

---

[1] 1 Impulsgruppe ‚One human family': „Humani generis unitas". Das katholische Dogma im dritten Jahrtausend: Die Einheit der menschlichen Familie. In: „Es droht eine schwarze Wolke". Katholische Kirche und Zweiter Weltkrieg. Erster Band: Lesesaal – Diskussion – Impulse. Herausgegeben im Auftrag von pax christi, Bundesvorstand und Kommission Friedenspolitik. Berlin 2015, S. 283-332. www.paxchristi.de

[2] http://www.lesconvivialistes.org/abrege-du-manifeste-convivialiste

3. O “Princípio da humanidade comum” é radicalmente questionado pelos modelos imperiais de globalização, baseados na dominação. Com uma clareza insuperável, já os profetas de Israel desmascararam o caráter dos impérios. O símbolo destes impérios é a construção da torre de Babel (Gn 11, 1-9). Ele representa um tipo poderoso de civilização, baseado na rivalidade e dominação gerando pendências de endividamentos, e não na cooperação. (Finalmente crescem muros até no céu, pelos quais os ricos “se protegem” contra os pobres). Em contraste, o símbolo cristão é “Pentecostes” (At 2, 1-13). Ele não promete diante da confusão do projeto da construção da torre uma nova e única linguagem para todos os homens. Pentecostes cria um espaço de entendimento, no qual cada um, na *sua* língua e cultura, possa entender e partilhar aquilo que serve para todos a uma vida livre. O modelo vertical da predominância política, econômica e cultural foi derrubado do seu trono na ventania espiritual pentecostal. Por isso pode começar o crescimento horizontal de uma comunidade da família humana: não é uma união de poder, mas uma comunidade de diálogo e cooperação; não é um espaço econômico que ignora as necessidades dos homens, e sim espaços de vida para trocas, encontro e solidariedade; não é imposição militar de uma “paz de cemitério”, mas um acontecimento de paz entre pessoas diferentes.

4. Quando Jesus anuncia aos pobres a Boa Nova, quando ele se revolta contra as ordens de dominação de homens sobre homens (Mc 10, 42-43) ou quando mostra a possibilidade de comportamentos sem violência (Mt 5,39), tem que se levar em conta as situações da dominação romana. Mais tarde, escritores da Igreja Antiga vão desmascarar radicalmente o aparato imperial da guerra: “Quais são as vantagens da pátria, senão as desvantagens de um segundo estado ou povo?” (Lactantius) Em relação ao complexo “Riquezas – poder – militar” os primeiros cristãos pertencem aqueles, que não colaboram com o sistema do império. A sua recusa tem a sua raiz numa nova imunidade diante das promessas de posse, culto de poder e violência no reino da tristeza. Por isso a não-colaboração é apoiada por uma prática alternativa. “Partilhar – fraternidade – não violência”. Sobre essas condições a Igreja primitiva consegue superar barreiras nacionais e religiosas. O encontro das irmãs e dos irmãos, superando todas as barreiras e se compreendendo nesta internacionalidade como a “Alma do Mundo” é muito suspeito aos olhos do império em relação a esses seguidores de um novo caminho. Com uma consciência incrível os primeiros Cristãos entendem a sua missão como vanguarda de uma nova humanidade e precursores de outra globalização sobre o sinal de um vínculo universal. Pois: É tarde demais para os impérios neste mundo.

5. Dois exemplos podem ilustrar como no decorrer da história da Igreja acessos diferentes e inspirações puderam fortalecer o testemunho de uma única humanidade. O teólogo da idade média Mestre Eckhart (+1328) parte da “*Luz que ilumina todo homem”* (Evangelho de João 1, 9). Seu ponto de vista inclui a premissa de que *nenhuma* alma humana está sem Deus. Por isso, amor a si, amor ao próximo e vínculo com a humanidade nunca podem ser entendidos como coisas em oposição. “Quando você se ama, você ama todos os homens como a si mesmo.” O homem, a quem a vida ilumina (“a luz dos homens”)

encontra um vínculo universal, “que quer bem tanto o homem no outro lado do mar, que nunca viu com os seus próprios olhos, como o homem ao seu lado, que é seu amigo íntimo.” – O dominicano e bispo Bartolomeu de las Casas (1485 – 1566), dois séculos mais tarde descobre a unidade do gênero humano no encontro com os irmãos maltratados num outro continente. Para este pioneiro de uma doutrina universal de direitos humanos, uma palavra da Bíblia se torna sentença sobre os conquistadores europeus: “Quem tira o sustento do seu próximo, o mata. Quem não paga o salário do trabalhador está derramando o seu sangue.” (Eclo 34, 22).

6. Quase não se sabe que no tempo do Primeiro Concílio Vaticano (1869-1870) já existia em várias regiões da Igreja no mundo uma consciência aguçada pelas necessidades de tomar uma clara posição diante dos desenvolvimentos funestos e violentos da sociedade e civilização do século 19. Era necessário um testemunho contra racismo, nacionalismo, militarismo e imperialismo. O bispo Augustin Vérot de Savannah do Sul dos Estados Unidos, pelas suas experiências pastorais, considerou uma condenação do racismo mais importante do que a discussão com as especulações dos filósofos alemães sobre a origem da humanidade. Uma boa parte dos participantes do Concílio desejou diante do forte armamento mundial e da decadência da moral internacional soluções em relação aos princípios do direito internacional. (Até foi discutida a ereção de um tribunal de direito internacional com “sede Pedro”). Infelizmente, somente Bento XV retomou com vigor este assunto, quando a Primeira Guerra Mundial 1914-1918 transformou a Europa num grande matadouro. Este Papa deu impulsos importantes ao movimento católico de Paz além fronteiras, assumido principalmente pelos leigos.

7. Vários anos antes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) já existiam na Congregação pela Fé pareceres sobre a *ideologia da guerra* no estado racista dos fascistas alemães. A agressão nacional socialista contra os princípios do universalismo cristão em relação à prática na economia, expansionismo e militarismo foi desmascarada neste contexto. Infelizmente somente aconteceu em documentos internos. Mas Pio XI, uma ano antes da sua morte, jurou o princípio de uma nova humanidade: “Católico significa universal e não racista, nacionalista separatista.” (28/07/1938). “Esquece-se que o Gênero Humano, todo o Gênero Humano é uma grande raça universal.” (28/07/1938) Pio XI até encarregou o Jesuíta americano dos Estados Unidos e ativista anti racista John La Farge (1880-1963) a projetar uma encíclica *“Humani generis unitas”* (A Unidade do Gênero Humano). Um “Projeto” adequado da Igreja Universal podia ter encorajado muito mais gente a resistir aquela máquina da morte, que sem grandes resistências exterminou os judeus europeus e causou mais de 50 milhões de mortes na guerra.

8. A doutrina Católica *“Humani generis unitas”* sobre a família humana neste mundo foi testemunhada por João XXIII e todos os seus sucessores. Ela pertence às mensagens centrais do Segundo Concílio Vaticano (Serviço à Unidade, diálogo fraterno com toda a sociedade mundial, vínculo fraterno com outras religiões). Além de proclamar um ideal isolado que ignora as contradições e abismos na sociedade mundial, ela quer dar visibilidade à

injustiça do domínio dos países “mais fracos”, a escandalosa distribuição desigual dos bens da terra e a indiferença diante do destino dois pobres. – Na luz da doutrina de uma só humanidade a fundação da ONU e a declaração dos direitos universais dos homens têm que ser reconhecidas teologicamente como “sinais dos tempos.” *(Pacem in terris).* Por isso deve-se hoje tornar preocupação nossa que a consolidação espiritual e cultural da consciência da ONU nas sociedades do mundo e também nas igrejas pouco está desenvolvida. Na *festa da alegria pela lei* os Judeus piedosos dançam e cantam. Eles agradecem a Deus alegremente pela sua orientação por uma vida boa; eles sabem que o homem aprende a justiça numa coletividade justa. Analogicamente não se devia pensar também numa “beleza do direito internacional” que incluía a todos, porque a civilização depois do abismo de duas guerras mundiais conseguiu pela visão da ONU ganhar uma nova perspectiva além das valas comuns?

9. Somente na certeza da força da não violência encontramos a coragem para opor às estruturas violentas do nosso mundo a alternativa de uma civilização dos amados. Os problemas do nosso planeta que atingem os fundamentos da vida dos futuros membros da única família humana somente podem ser resolvidos por todos em conjunto. As conseqüências de uma ideologia econômica agressiva e de uma crença irracional de guerra sempre afetam a todos. A visão de uma globalização não imperial alternativa sobe o sinal da “Justiça e Paz” tem as suas raízes no cristianismo primitivo e nos une com todos os movimentos e adventos esperançosos. A doutrina católica “Humani generis unitas” também é uma barragem diante de um novo início de racismo e testemunho pelo direito humano intocável de todos os refugiados. Ela principalmente contém aquele símbolo forte, que hoje pode servir de indicador para um novo caminho para a sociedade mundial: *“One human family”.* A Igreja no mundo inteiro podia dar de presente a si, a todo o mundo e às futuras gerações a confirmação solene do dogma da unidade do gênero humano. Como este testemunho ia atingir todos os homens, os seus defensores iam procurar conselhos e partilha de alegria e colaboração não somente na cristandade toda, nos irmãos judaicos e muçulmanos, mas também em todas as religiões e movimentos ecumênicos e finalmente também em todos os homens. Uma nova juventude desta terra, que se revolta contra todo o desrespeito arbitrário e onipotente da humanidade coletiva está aberta à palavra que serve infalivelmente à vida. Deve se imaginar a orientação para o futuro primeiramente como “*o início de um acontecimento solene em toda a terra,* que sem obrigação atrai e irradia ...

[*tradução: José Wasensteiner, Codó / Brasil*]

Literatura
WIE DIE MENSCHHEIT EINS IST
Die katholische Lehre „Humani generis unitas“ für das dritte Jahrtausend

Impulsgruppe „one human family“
onomato verlag – Düsseldorf 2016 – ISBN: 9783944891262

[COMO A HUMANIDADE É UMA

A doutrina Católica “Humani genereis unitas” para o terceiro milênio.
Grupo de impulso “One human family”]

Este texto de impulso trata a unidade da família humana como “dogma católico” para o terceiro milênio e mensagem solene para toda a terra.
1938 o Pio XI planejou uma encíclica “Humani generis unitas” (A unidade do gênero humano), mas nunca foi publicada. Ainda no leito da morte este Papa confirmou a doutrina de que existe somente uma única e grande família humana universal.
Já a Bíblia e a Igreja Primitiva opõem à globalização sobre o sinal de “riquezas – poder – violência militar” a globalização de empatia e fraternidade. Os abismos da história e o fracasso da cristandade fizeram desbotar esta visão. O testemunho da solidariedade de todos os homens tem que novamente ocupar o centro.
Hoje a solidariedade para com os refugiados e todas as vítimas de uma ordem econômica agressiva é uma questão central da identidade cristã. Também as futuras gerações ainda não nascidas, cujos fundamentos de vida a nossa civilização está destruindo, fazem parte de uma humanidade única.